

## Revista de Imprensa Internacional: destaques do “The Guardian” de 12 a 19 de Dezembro

---

### **Escolas primárias enfrentam risco de perda de financiamento público (19 Dez)**

Crianças de diferentes raças correm juntas no recreio; dentro, as paredes estão cobertas com obras de arte coloridas. A directora, Leslie Igreja, fala sobre um dos pontos fortes da escola: dar a cada criança desta área pobre do norte de Londres - apenas a algumas centenas de metros do local dos tumultos de Agosto - o acesso livre a aulas de violino, violoncelo, ou violão no ano 4.

Mas esta instituição de Tottenham, com 463 alunos está agora, aparentemente na linha de frente de uma luta pelo futuro das escolas primárias em Inglaterra. Downhills está a ser forçada, por Michael Gove, o secretário da educação, para se transformar numa academia com patrocínio privado, apesar da feroz oposição dos pais, funcionários e autoridades locais. Mas o caso de Downhills, que está nesta situação porque o Governo diz os seus resultados nos exames de Inglês e Matemática não são bons o suficiente, não é único.

Centenas de escolas primárias enfrentam a ameaça de conversão obrigatória em academias, escolas que são financiadas por patrocínios privados, com Downhills a constituir um teste à nova capacidade do secretário de educação para impor sua visão de um novo modelo de gestão escolar, mesmo quando todos aqueles que estão intimamente ligados a esta escola dizem que não querem. Os críticos dizem que Gove está simplesmente a forçar através de uma agenda de privatização, uma tendência com implicações para muitas, se não todas, as escolas de Inglaterra.

Apesar de Downhills abranger algumas famílias de classe média atraídas pela sua ética educativa, inclusive criativa, a escola insere-se numa realidade muito desafiadora. Cerca de 46% das suas crianças são elegíveis para refeições escolares gratuitas, enquanto para 73%, sua primeira língua não é o Inglês. Downhills tem ainda a maior população de crianças de etnia cigana Roma, que nacionalmente apresentam os resultados mais baixos de qualquer grupo étnico.

Quando os inspectores de educação do Ofsted, um órgão independente que avalia os níveis de qualidade do sistema educativo e reporta os resultados ao parlamento, visitaram a escola em Janeiro deste ano, 92% dos pais que retornaram os seus questionários concordaram com a afirmação “Estou feliz com a experiência do meu filho nesta escola”.

Apesar disso, Downhills obteve um “aviso para melhorar” a partir da inspecção por causa dos resultados nos exames que em 2009 tinham sido bastante negativos, com apenas 40% dos seus alunos a atingirem o nível esperado em Inglês e Matemática. Em Setembro, no entanto, quando os inspectores retornaram a Downhills verificaram melhorias, já que o Ofsted dá entre 12 a 18 meses para as escolas apresentarem novos resultados.

Mas agora a escola enfrenta um futuro diferente. Downhills é particularmente vulnerável porque Gove tem poderes no âmbito de um acto que ele se apressou a fazer passar pelo parlamento no ano passado, para forçar à conversão em academias qualquer escola referenciada pelo Ofsted como a necessitar de “medidas especiais” ou com avisos para melhorar.

As academias são escolas criadas ao abrigo de um contrato privado entre Gove e um patrocinador: geralmente, ou uma outra escola ou fundo privado, sem fins lucrativos. Sobre este tema, diz Christine Blower, secretário-geral do Sindicato Nacional dos Professores: “Este é um grande ataque político à educação pública. Não são as escolas a optar pelo estatuto de academia, é o Governo a obrigar escolas a sair da influência das autoridades locais para os braços de patrocinadores externos. É extremamente antidemocrático. É a privatização forçada das nossas escolas. As pessoas não acordaram para o que está a acontecer ao nosso sistema de educação.”

### **Michael Gove acusado de promover a selecção de alunos nas escolas públicas (17 Dez)**

Michael Gove, o secretário de educação, está no centro de uma nova polémica pelos alegados planos de permitir às escolas privadas seleccionar alunos pela capacidade académica, caso estas se convertam em estatais. Neil Roskilly, chefe-executivo da Associação de Escolas Independentes (AEI), disse ao Observer que tinha sido

informado que a política de selecção estava “sob consideração”.

O Departamento de Educação vigorosamente nega as acusações, que acrescentariam uma nova dimensão na determinação do Governo para incentivar a criação de academias independentes, fora da alçada da administração das autoridades locais e capazes de elaborar seu próprio currículo. Quando pressionado para incentivar mais a selecção no sistema estadual no ano passado, Gove disse durante uma reunião com dignitários: “O meu pé está sobre o pedal, vou ter que ver o que o meu co-piloto, Nick Clegg, tem a dizer.”

Roskilly disse entender que, sob estes planos, as escolas independentes perderiam a sua capacidade de cobrar propinas e teriam que escolher os seus alunos de áreas de captação específica, mas que os seus métodos tradicionais de selecção poderiam manter-se. “O que entendemos é que as escolas independentes, que se convertam em academias, será permitido manter seu estatuto selectivo, exactamente da mesma maneira como as escolas privadas. Isso é o paralelo.”

Um porta-voz do governo insistiu que a selecção é ilegal sob a lei actual e que este continuaria a ser o caso. “Nenhuma escola livre [academias] pode usar a selecção académica para admitir alunos ou cobrar propinas - independentemente de ter pertencido ao sector privado. “Todas as escolas têm de cumprir a lei das admissões à escola. Sem apelo nem agravo. Nada vai mudar nesta matéria.”

Francis Gilbert, da rede de escolas locais, um grupo de pressão para a protecção do sistema escolar público, disse que qualquer mudança em prol da selecção no sector estatal iria criar um “apartheid social”. “O problema com a selecção é que a esmagadora evidência mostra que são os alunos de famílias ricas que são seleccionados. Apenas 5% dos alunos nas escolas privadas recebem refeições escolares gratuitas, enquanto a média em todo o país ronda os 20% de alunos.”

Numa pesquisa realizada entre os membros da AEI, 61,9% dos directores disseram que aprovariam uma mudança que permitisse às escolas independentes deslocarem-se para o sector estatal, para manter a capacidade de seleccionar alunos. No entanto, Roskilly disse que a maioria de seus membros estavam preocupados com o facto de o seu futuro ficar dependente do “capricho” dos políticos. “A principal razão [para as escolas se converterem] será a falta de números e o desespero face ao clima económico.”

Continua Roskilly: “Os pais pensam que os filhos irão receber uma educação escolar independente dentro do sector estatal, mas naturalmente, não é o caso. Sob o regime de academias a escola não tem de aplicar o currículo nacional. É, obviamente, livre do controle das autoridades locais, mas o seu financiamento é severamente restrito. O seu financiamento é restrito aos caprichos políticos e numa escola verdadeiramente independente nunca seria.”

Ranking das escolas primárias mostra que 1.310 falham a Inglês e Matemática (15 Dez)

O ministro das Escolas, Nick Gibb diz que o Governo está preocupado que os rankings que mostram que os resultados de 1.310 escolas primárias estão abaixo dos padrões esperados e não estão a conseguir atingir as metas oficiais para ensinar o básico de Inglês e Matemática, de acordo com dados divulgados na passada quinta-feira.

Os resultados dos exames realizados a mais de 16 mil escolas primárias mostram ainda que cerca de 150 escolas obtiveram classificações inferiores ao padrão-chão, nos últimos cinco anos. Isto, num momento em que as escolas primárias com repetido insucesso, enfrentam uma mudança no seu modelo de gestão: a conversão em academias ou a fusão com uma escola de sucesso nas proximidades.

Os números são baseados nos resultados de exames realizados em Maio por mais de meio milhão de alunos com 11 anos. A percentagem de crianças que atingem o nível esperado em Inglês e Matemática aumentou este ano. No entanto, um terço não conseguiu atingir o padrão esperado - nível quatro - em leitura, escrita e matemática, combinadas. Um em cada 10 meninos termina a escola primária com as capacidades de leitura equivalentes aos de uma criança de sete anos, mostram os números.

As escolas devem assegurar que, pelo menos, 60% dos alunos de 11 anos alcancem o padrão esperado para sua idade em Inglês e Matemática. Isso inclui o uso de ortografia e gramática adequada e a capacidade de realizar cálculos simples. A escola é considerada abaixo do “mínimo-padrão” quando é baixa a média do progresso dos alunos entre os cinco e os 11 anos.

O ministro das escolas, Nick Gibb, revelou que estas seriam as escolas às quais o Governo iria dar “especial atenção no próximo ano, seja por meio da conversão para uma academia patrocinada ou outras medidas.”

As 200 escolas primárias mais fracas em Inglaterra serão colocadas sob uma nova gerência como escolas academia no próximo ano. Mais 500 escolas com baixos desempenhos serão pressionadas no mesmo sentido pelo Departamento de Educação. Os Ministros argumentam que o insucesso escolar deve ser combatido no início, pois pode ser tarde demais para resgatar as crianças no momento em que chegam à escola secundária.

A ministra da Criança, Sarah Teather, disse que o prémio do aluno – um financiamento extra que é alocado para crianças de lares mais pobres - ajudaria a diminuir a diferença entre crianças oriundas de meios mais ricos. A partir do próximo ano o prémio de aluno subirá para 600 libras e será atribuído a qualquer criança que tenha beneficiado de refeições escolares gratuitas em qualquer momento, nos últimos seis anos.

Teather disse: “O abismo entre o sucesso dos ricos e pobres deve ser fechado - 58% das crianças elegíveis para apoio social ou refeições escolares gratuitas conseguem atingir o nível esperado em Inglês e Matemática até o final da escola primária, mas 78% dos seus pares também atingem esse nível.” Globalmente, a proporção de crianças atingir o nível esperado em Inglês é de 82% - mais dois pontos percentuais desde o ano passado. Em Matemática é de 80%, um ponto percentual acima da percentagem obtida em 2010.

As autoridades locais com a maior proporção de escolas primárias com dificuldades ao nível do sucesso escolar são as de Derby (24%), Torbay (23%) e Plymouth (23%). Em dois bairros de Londres - Hammersmith e Fulham e Havering - nenhuma das escolas primárias está abaixo do padrão-chão. Em Dezembro de 2010, 962 escolas ficaram abaixo do limiar do Governo. No entanto, cerca de um quarto das escolas boicotaram a segunda etapa de exames naquele ano.

A escola Newton Farm, em Harrow, onde a maioria dos alunos não falam Inglês como sua primeira língua, obteve a mais alta pontuação média nos exames deste ano. Noventa por cento dos alunos que fizeram o exame alcançaram o nível 5 – um nível mais elevado do que o esperado para a sua idade em Inglês e Matemática.

Os inspectores da Ofsted avaliaram os resultados da Newton Farm como extraordinários, elogiando o director pela liderança “inspiradora” e escola pela sua ética “feliz e estimulante”. O director da escola, Rekha Bhakoo, não ficou indiferente à avaliação. “Eu acredito que as crianças precisam de ser capazes de ler e escrever e ter proficiência em Inglês, para poderem viver neste mundo e passar nos exames. Mas acredito que o nosso sucesso se deve ao rigor com que cuidamos das nossas crianças.”

#### **Adolescentes sem aulas de TIC obrigatórias nas escolas secundárias (14 Dez)**

As escolas estão a por em risco as perspectivas de carreira de milhares de adolescentes ao não oferecer aulas obrigatórias em computação, lê-se num relatório do Ofsted. Um estudo de três anos constatou que, em quase um quinto das escolas secundárias, que compreendem alunos acima dos 14 e até aos 16 anos - não estão a ensinar computação – vulgarmente designadas por Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC).

A disciplina de TIC é obrigatória para crianças dos cinco aos 16 anos e vista como crucial para a reconstrução da economia. Os inspectores da Ofsted denunciam agora que a qualidade do ensino da disciplina é inadequada em mais de um quarto das escolas secundárias. Muitos professores de TIC têm um conhecimento limitado de competências-chave tais como a programação de computador, notam os inspectores.

As altas expectativas dos estudantes, muitas vezes não são acompanhadas e os seus interesses na disciplina são ignorados, enquanto muitos alunos passam as de informática na repetição de tarefas que se lhes pediam no ano anterior. Em metade de todas as escolas secundárias, o nível atingido em TIC quando os alunos deixam a escola é tão baixa que não seriam capazes de prosseguir estudos avançados, um curso de nível técnico ou um aprendizado em computação ou qualquer assunto relacionado. O sucesso em TIC no sexto ano é “altamente variável”.

As conclusões dos inspectores foram feitas com base em visitas a 74 escolas secundárias na Inglaterra. Seu relatório – “TIC nas escolas 2008-2011” – é divulgado na altura em que o lugar da computação no currículo está na agenda nacional para a educação. O Governo deverá publicar a sua estratégia no âmbito da tecnologia para as escolas no novo ano. Michael Gove, o secretário de educação, reconheceu que a informática não é ensinada de forma amplamente suficiente nas escolas.

Em Agosto, o presidente do Google, Eric Schmidt, atacou o Reino Unido por não capitalizar os seus bons resultados nas áreas da inovação, ciência e engenharia. Ele disse que o país que inventou o computador estava “a deitar fora a sua grande herança o na área dos computadores” ao não ensinar programação nas escolas. David Cameron reconheceu, disse mais tarde, que Schmidt tinha razão e admitiu que a Grã-Bretanha não estava a fazer o suficiente para ensinar a próxima geração de programadores.